

FIGURAS PARENTAIS (PAIS) AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: CARACTERÍSTICAS BIOSOCIODEMOGRÁFICAS

PARENTAL FIGURES (PARENTS) AUTHORS OF SEXUAL VIOLENCE AGAINST CHILDREN AND ADOLESCENTS: BIOSOCIODEMOGRAPHIC CHARACTERISTICS

Marisa Trindade Pereira¹, Daniela Castro dos Reis², Simone Souza da Costa Silva³,
Lília Ieda Chaves Cavalcante⁴, Laiana Soeiro Ferreira⁵

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XX • ISSUE FASCÍCULO 1

1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2024 • PP. 22-39

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XX.1.2>

Submitted on 04/09/2023 Submetido a 04/09/2023

Accepted on 27/12/2023 Aceite a 27/12/2023

Resumo

Estudos sobre o autor da violência sexual contra crianças e adolescentes são incipientes no Brasil. Sua trajetória de vida constitui-se um tema complexo e seus aspectos parentais são tratados pela literatura com reserva, apesar de evidências apontarem maior probabilidade para autores de violência serem pai ou padrasto da vítima. Assim, esta pesquisa objetivou caracterizar biosociodemograficamente pais autores de violência sexual e descrever a agressão perpetrada. Traçou-se de um estudo empírico-documental, de natureza descritivo-exploratória, com abordagem quantitativa dos dados. Desenvolvido em sete municípios do Estado do Pará, envolveu processos de 283 pais autores de violência sexual presos. Um formulário de caracterização biopsicossocial

1 Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará (UFPA) Brasil. Membro do Grupo de Estudo de Autores de Violência. E-mail: matripemama@yahoo.com.br.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-6548-1808>

2 Professora doutora do programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará (UFPA) Brasil. Membro do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento. Coordenadora do Grupo de Estudo de Autores de Violência. E-mail: danireispara@gmail.com.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-9505-4516>

3 Professora doutora do programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará (UFPA) Brasil. Membro do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento. Coordenadora do Grupo de Estudo sobre processo de adaptação das famílias diante a deficiência. E-mail: symon@ufpa.br

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-0795-2998>

4 Professora doutora do programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará. (UFPA) Brasil. Membro do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento. Coordenadora do Grupo de Estudos de Autores de Violência. Coordenadora do Grupo de Estudos que investiga questões voltadas para o acolhimento institucional e a adoção. E-mail: liliacavalcante@gmail.com

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-3154-0651>

5 Professora Mestre da Universidade Federal do Pará (UFPA) Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do comportamento da Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Estudo de Motricidade Humana. E-mail: laianasoeiro@ufpa.br

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-1622-0708>

foi utilizado como instrumento. A coleta permitiu a construção de um banco de dados analisado por meio de estatística descritiva e de Cluster. Nos resultados, o perfil biosociodemográfico apontou para pais autores em sua maioria pretos/pardos, com média de 40 anos, dois filhos, com cônjuge e ocupação. Os vínculos de parentesco apareceram na maior proporção de padrasto, pai e tio, respectivamente. As características do tipo de agressão com uso de força ou coerção severa apareceram na proporção de 65,02% e os atos de esfregar-se na vítima e sexo vaginal foram os mais frequentes. As análises permitiram esmiuçar aspectos da caracterização dessa população para intervenções futuras mais eficazes.

Palavras-chave: Pai; Autor de violência sexual de crianças e adolescentes.

Abstract

Studies on the perpetrator of sexual violence against children and adolescents are incipient in Brazil. Their life trajectory constitutes a complex topic and their parental aspects are treated with caution in the literature, despite evidence indicating that perpetrators of violence are more likely to be the father or stepfather of the victim. Thus, this research aimed to biosociodemographically characterize parents who committed sexual violence and describe the aggression perpetrated. This was an empirical-documentary, descriptive-exploratory study, with a quantitative approach to the data. Developed in seven municipalities in the State of Pará, it involved the processes of 283 sentenced prisoner parents. A biopsychosocial characterization form was used as an instrument. The collection allowed the construction of a database analyzed using descriptive and cluster statistics. In the results, the biosociodemographic profile pointed to author parents who were mostly black/brown, with an average of 40 years old, two children, with a spouse and occupation. Kinship ties appeared in the highest proportion of stepfather, father and uncle, respectively. The characteristics of aggression, use of force or severe coercion appeared in a proportion of 65.02% and the acts of rubbing against the victim and vaginal sex were the most frequent. The analyzes made it possible to scrutinize aspects of the characterization of this population for more effective future interventions.

Keywords: Dad; perpetrator of sexual violence against children and adolescents.

Introdução

A violência sexual contra crianças e adolescentes

A perpetração da violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno universal, associada a relação assimétrica de poder (Florentino, 2015). Que possui a finalidade de obtenção de prazer sexual e configura-se pela prática de ato sexual a criança e/ou adolescente (Ferraz et al., 2021). Para a *American Academy of Pediatrics Committee on Child Abuse and Neglect* é um problema de saúde pública complexo, gerador de danos psíquicos, emocionais e sociais, envolvendo a vítima, a família e o perpetrador (*American Academy of Child Adolescent Psychiatry [AACAP]*, 2012).

Com incidência, segundo Miranda et al. (2020), em todas as classes sociais, independente do gênero, raça ou etnia, danificando todo o tecido social dos envolvidos. Intercorre, de acordo com Cavalcante (2022) por meio de atos operantes, como: sexo com penetração, incesto, assédio, exploração sexual, pornografia, manipulação (genitália, mama ou ânus), imposição de intimidades, jogos sexuais, práticas eróticas não consentidas e transtornos tais como exibicionismo, pedofilia e voyeurismo.

Pode ocorrer em contexto extrafamiliar e intrafamiliar (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2002). O primeiro incide, em maior frequência, fora da residência das vítimas, e é perpetrado por um adulto sem laços de parentesco com a vítima (Sanfelice & De Antoni, 2010). O segundo ocorre no ambiente doméstico (na residência da vítima ou do autor) e apresenta singularidades por ocorrer em espaço de intimidade (Lopes, 2021) e ser ocasionada por pessoas investidas de função parental ou parente próximo (Florentino, 2015).

O contexto de violência sexual intrafamiliar reproduz-se em sequência crescente de episódios, envolve familiares que subjugam a vítima como propriedade e fazem uso do poder familiar para exercer práticas de violência sexual, resultando em negligência e violação de direitos (Balbinotti, 2009). Gerando consequências negativas e devastadoras as que a vivenciam, que podem reproduzir o comportamento violento, comprometendo relações futuras, e manifestar-se de várias formas, com diferentes graus de severidade/gravidade ao desenvolvimento (Lopes, 2021).

Nos Estados Unidos a violência sexual contra crianças e adolescentes é considerada um problema para a sociedade, visto que cerca de um em cada quatro meninas e um em cada 13 meninos sofrem violência sexual em algum momento de sua infância e/ou adolescência (Oliveira, 2019).

No Brasil, a Unicef (2021) publicou que, no período de 2019 a 2021 no Brasil, o crime com maior número de vítimas de 0 a 17 anos foi a violência sexual contra crianças e adolescentes, com 73.442 casos identificados. Esse dado reflete o grande percentual de registro, apesar dos altos índices de subnotificações e de falhas nos registros de Boletins de Ocorrência (Miranda et al., 2020).

De acordo com Stroff e Vieira (2020) esses registros oficiais no Brasil focam-se, principalmente, em informações sobre as características das vítimas. Assim, a literatura científica nacional reflete tais dados (Aguiar & Ferreira, 2020; Aznar-Blefari et al., 2021; Ferreira & Nascimento, 2019; Platt et al., 2018; Stroff & Vieira, 2020). Em virtude desses parâmetros da rede de assistência no país, a sociedade e a comunidade científica, em particular, vem focando sua atenção, em especial, a aspectos referentes a vítima e com reserva tem sido considerado características relativas ao autor da violência (Reis & Cavalcante, 2018).

Autores da violência sexual contra crianças e adolescentes

Pesquisas sobre os autores de violência sexual contra crianças e adolescentes (AVSCA) geralmente apresentam-se com abordagens secundárias nos estudos nacionais (Platt et al., 2018). Uma das justificativas para o fato, apontada por Reis e Cavalcante (2019), dá-se ao fato que na sociedade brasileira o autor figura-se com representação monstruosa, abominável e imoral, resultando no comprometimento do entendimento coerente do fenômeno e dificulta possíveis estratégias para redução e prevenção da problemática (Café & Nascimento, 2012).

Os principais estudos nacionais sobre AVSCA (Bohn, 2012; Moura, 2007; Martins, 2008; Pechorro et al., 2008; Sanfelice & De Antoni, 2010; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013) são

centrados em levantamentos estatísticos de dados sociodemográficos e com pequenas amostras, que buscam caracterizar o perfil do AVSCA e de dados quantitativos referentes às notificações (Costa et al., 2018).

O perfil sociodemográfico observado na literatura nacional caracteriza os AVSCA como homens do sexo masculino (Reis & Cavalcante, 2018), no estado civil notou-se relacionamento quando cometeram o crime (Bohn, 2012). A escolaridade, na pesquisa de Ferraz et al. (2021), é indicada com menos de 10% com início em uma graduação. O estudo de Moura (2007) observou a baixa escolaridade como frequente fator de risco para esta população.

Na ocupação observa-se nos estudos vínculo de trabalho no momento do crime, contudo, sem uma profissão específica predominante (Bohn, 2012). Pimentel (2010) indica baixo nível socioeconômico e origem em famílias numerosas e ligadas à pobreza. Em relação ao histórico de violência na família, identificaram-se diversos tipos, como violência física, moral e sexual (Habigzang et al., 2005).

Nos últimos anos, alguns estudos nacionais pioneiros têm se direcionado para aspectos mais específicos dessa população, destacando-se investigações produzidas por Reis e Cavalcante (2018) e Ferraz et al. (2021), que abordam o problema sob a perspectiva do AVSCA e com amostras maiores. Estes estudos empíricos que exploram a distorção cognitiva, o processo de socialização primária e a trajetória de vida adversa.

Em paralelo, ao observar-se a literatura internacional (Hall e Hall, 2007; Jespersen, Lalumière & Seto, 2009; Poepl et al., 2015; Smith, 2000) acerca do assunto, nota-se uma pluralidade de estudos. Esta variedade de estudos está distribuída em diversos aspectos dos AVSCA como: história de vida, fatores de risco, distorções cognitivas, tratamento, características psiquiátricas e neurociências.

A parentalidade dos autores de violência sexual

Dentre as diversas variáveis que ainda necessitam serem exploradas para compreensão do fenômeno da violência sexual no cenário nacional, este estudo destaca a relacionada à parentalidade do AVSCA. Existem dois aspectos importantes no delineamento do estudo da parentalidade dessa população. O primeiro é evidenciado por estudos que indicaram maior percentagem de violência sexual contra crianças e adolescentes serem cometidos pelo pai ou padrasto da vítima (Habigzang et al., 2005; Miranda et al., 2020; Moura & Koller, 2008; Platt et al., 2018; Soares & Nascimento, 2019).

Foyen (2017), ressalta que esses casos proporcionam um intenso sofrimento à criança e/ou adolescente. Ao mesmo tempo que gera sofrimento, a experiência ocorre em um contexto afetivo, o que então promove uma série de sentimentos ambivalentes na criança e/ou adolescente (Risman, Figueira, Vieira & Azevedo, 2014). Esses sentimentos ocorrem geralmente em casos incestuosos, nos quais as vítimas que sofreram a violência sexual ficam aterrorizadas e confusas, o que se consolida numa situação de silêncio, na qual a criança não faz a denúncia por medo de ser culpada, ou então de provocar a desagregação familiar (Azevedo, Alves & Tavares, 2018).

O ato do incesto, para Soares e Nascimento (2019), caracteriza-se como histórico e complexo e para sua compreensão faz-se necessário uma reflexão sobre a família e funções parentais, uma vez que as relações incestuosas ocorrem no espaço familiar, onde são vivenciados os vínculos essenciais à formação da personalidade.

O outro aspecto que é foco deste estudo, relaciona-se à variável ter filho, frequentemente observada nos estudos sociodemográficos como de Habigzang et al. (2005) e Santos (2019), apresentada apenas como um dado quantitativo de quantidade de filhos e sem pretensão investigar as características deste pai, enquanto figura de prática de cuidado dos filhos que podem ter sido as vítimas da violência ou não.

De acordo com Pullman et al. (2014) vivências em contextos adversos, geram prejuízos para o desenvolvimento e colocam o indivíduo em situação de vulnerabilidade, tendo como possível desfecho a adoção de comportamentos disfuncionais para lidar com os eventos vivenciados em sua trajetória de vida. Isso inclui a adoção de uma prática parental com características negativas e a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Esses fatores geradores de comportamento disruptivo são frequentemente observados no histórico de AVSCA, sendo possível citar igualmente: histórico de comportamento agressivo, problemas de relacionamento interpessoal, baixo rendimento escolar, problemas com autoestima, estilos parentais negativos, exposição à pobreza e violência comunitária, além de histórias de abuso sexual, físico, psicológico e negligência parental, no contexto doméstico, vivenciados na infância e adolescência (Paludo & Schiró, 2012).

Além disso, quando encarcerado, o pai AVSCA apresenta mais fragilidades no seu envolvimento paterno (com filhos não vítimas), em virtude da reclusão, conforme sinaliza Miranda e Granato (2016). Granja et al. (2013) demonstram ainda que a prisão paterna altera por completo o envolvimento dos pais com os filhos, pois ocorre uma ruptura no processo interacional da relação diária.

Assim, a prevenção deste tipo de violência requer sua compreensão em sua forma multidimensional, isto é, suas origens, características e consequências. Pois, direcionar-se a pesquisar os efeitos do problema e desconsiderar a causa, consiste em deixar uma parte importante do fenômeno, gerando prejuízos ao planejamento de políticas públicas eficazes para o enfrentamento do problema.

Desta forma, parece que iniciar o estudo sobre pais AVSCA poderá auxiliar na compreensão do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes. Visto que, essa nova variável pode contribuir para o entendimento de características dessa população e fornecer subsídios para ajudar nas práticas de prevenção e intervenção, auxiliando na diminuição da reincidência, por meio do planejamento de ações mais eficazes, amparadas em dados científicos.

Portanto, este estudo teve a finalidade de contribuir com a caracterização biosociodemográfica de AVSCA na condição de figura parental (pai) que perpetrou violência sexual contra crianças e adolescentes e por este ângulo buscou descrever as características da agressão sexual perpetrada.

Método

Delineamento da Pesquisa

O presente estudo trata-se de um estudo documental, com objetivos descritivos e exploratórios, delineamento de corte transversal e amparado em abordagem quantitativa de dados (Gil, 2018).

Contexto

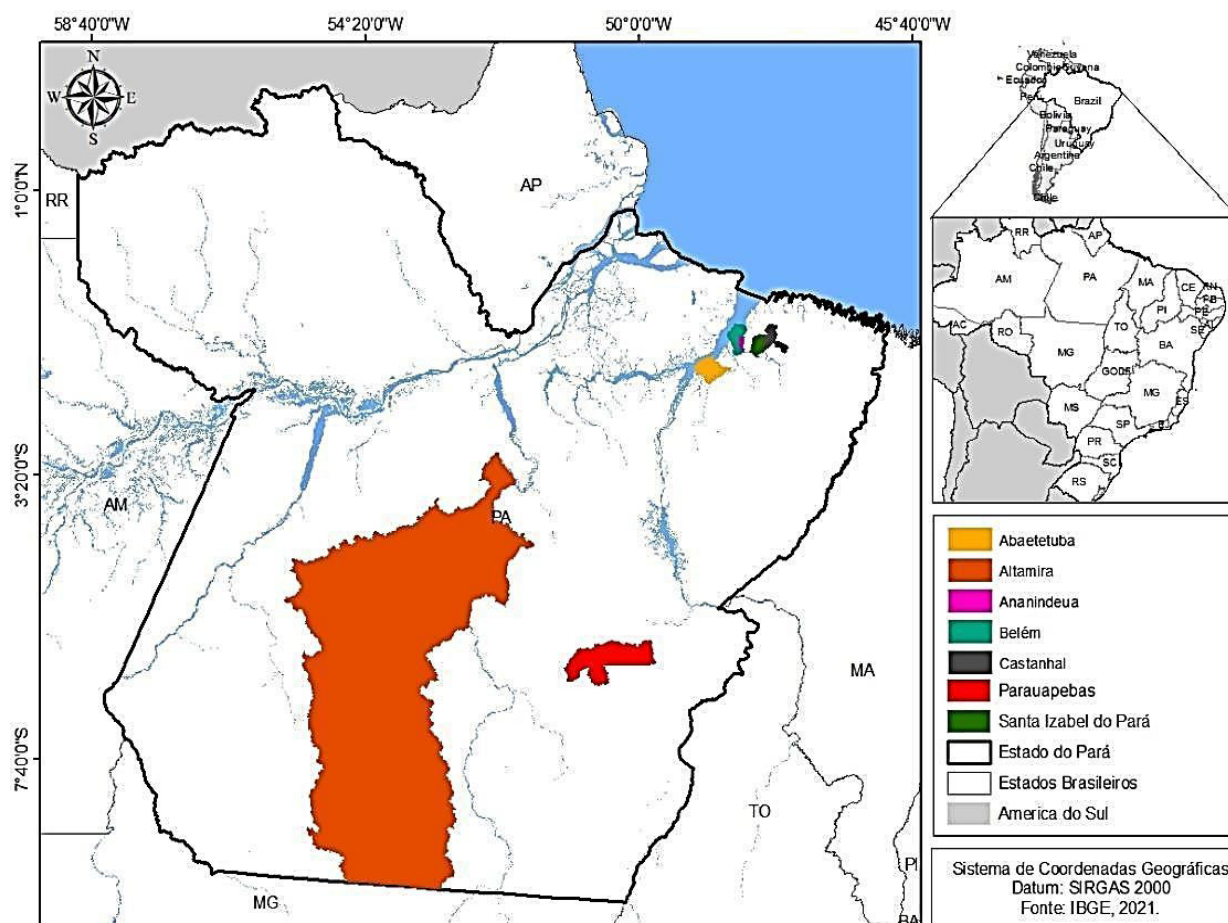
Os dados foram coletados entre os anos de 2015 e 2016 por membros do Grupo de Estudo de Autores de Violência Sexual vinculado ao Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Pará. Envolveu sete comarcas dos municípios do estado do Pará (Belém, Ananindeua, Santa Izabel, Abaetetuba, Altamira, Castanhal e Parauapebas) (Figura 1). Estes locais foram selecionados porque estavam inseridos em regiões geopoliticamente importantes.

Participantes da pesquisa

Os AVSCA eram homens, acima de 18 anos, sentenciados pelo crime de violência sexual contra criança e adolescente. O tamanho da amostra (N =521) levou em conta o número de processos jurídicos localizados em cada município pelo sistema Libra (Sistema de Gestão de Processos Judiciais). Do total de 521 processos desses participantes, foram selecionados 283 que atendiam ao seguinte critério de seleção: sexo masculino, possuíam filhos, ter cometido crimes relacionados a sexualidade (Lei de Execução Penal, 1984) e ausência de diagnóstico médico de doença psiquiátrica ou neurológica.

FIGURA 1

Mapa dos Municípios onde foi aplicado o instrumento



Instrumento

Formulário para Caracterização Biopsicossocial (FCB)

O formulário utilizado foi de Caracterização Biopsicossocial (FCB) do autor da agressão sexual, composto por: (a) dados de identificação (sete itens), (b) dados biopsicossociais do AVSCA e da sua vítima (34 itens), (c) dados processuais do autor (20 itens) e (d) das vítimas (15 itens).

Procedimento de coleta

Solicitou-se a permissão da instituição para realização da pesquisa, em seguida a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa e a preparação para a inserção no contexto de coleta. Na sequência, foram analisados os processos jurídicos que tramitavam nas comarcas. Por fim, esses dados foram tratados, tabulados e inseridos no banco de dados de planilha eletrônica do Excel para a análise.

Procedimento de análise

Os dados dos 283 pais AVSCA foram analisados de forma exploratória e descritiva, por meio de estatística descritiva simples e apresentados por meio do Teste de Shapiro-Wilk de normalidade da amostra, medida de tendência central (mediana) e de dispersão calculados pelo *software* JASP (programa de análise estatística com apoio da Universidade de Amsterdão, e pela de frequência de dados absolutos e de percentuais calculados pelo programa Excel apresentados por meio de tabelas e quadros.

Além disso, foi realizado um procedimento da estatística multivariada que buscou agrupar os dados biosociodemográfico (faixa etária, raça, religião, estado civil, número de filhos, grau de escolaridade, vínculo de parentesco, condição, contexto da agressão, zona da agressão e confessou o crime) dos pais autores de violência em subgrupos.

A análise de agrupamento (Cluster) foi realizada com a utilização do Método de Ward para a aglomeração hierárquica e do Método K-Médias para a aglomeração não hierárquica. Utilizou-se o k-médias, para, de forma descritiva, explorar as relações conjuntas entre os pais AVSCA e seus aspectos biosociodemográficos, visando estabelecer o perfil dos grupos na população analisada (Malhotra, 2006).

A análise foi dividida em duas etapas. A primeira incluiu a descrição bivariada das características biosociodemográficas, segundo os grupos de caso e controle, comparando as proporções por meio do teste qui-quadrado considerando um nível de significância de 5%. Na segunda etapa, buscou-se explorar relações conjuntas entre os fatores socioeconômicos e demográficos e os grupos por meio da Análise de Agrupamento (Hair et al., 2009).

As características analisadas foram faixa etária em três categorias (menor de 29 anos, entre 30 a 64 anos e acima de 65 anos), raça em quatro categorias (branca, parda, preta e sem informação), religião (católico, espírita, evangélico, candomblé, sem religião e sem informação), estado civil (casado, separado, união estável, divorciado, solteiro, viúvo e sem informação), número de filhos (um filho, dois filhos, três filhos, quatro ou mais filhos e sem informação), grau de escolaridade (sem escolaridade, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo

e sem informação), vínculo de parentesco (pai, padrasto, tio, primo, cunhado, avô e avodrado), condição (autônomo, benefício, empregado, desempregado, trabalho eventual e sem informação), contexto da agressão (intrafamiliar e extrafamiliar), zona da agressão (urbana, rural, ribeirinho e sem informação) e confessou o crime (sim, não e sem informação).

Para confirmar a quantidade de número de cluster criados, aplicou-se uma técnica complementar aos dados, chamada de Análise Discriminante. A Análise de Cluster e Discriminante foi realizada por meio do *software Statistical Package for Social Sciencies* (SPSS versão 23.0), utilizado para a estimação dos parâmetros das funções discriminantes e ferramenta para execução dos testes estatísticos a um nível de significância de 0,05 (Malhotra, 2006).

Para apresentar os resultados, optou-se por dividir a análise do estudo em três tópicos: características biosociodemográficas do pai AVSCA (idade, raça, estado civil, número de filhos, escolaridade e ocupação), características do grau de parentesco com a vítima e do ato de agressão sexual (grau de severidade/gravidade da violência perpetrada).

Considerações Éticas

O projeto de pesquisa para estudos envolvendo AVSCA foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropical da UFPA, emitido em 30/04/2014, registrado pelo número 650.210.

Resultados

A análise dos 283 processos de pais autores de violência revelou que 11 (3,89%) eram da cidade deAbaetetuba, 10 (3,53%) de Altamira, 55 (19,43%) de Ananindeua, 168 (59,36%) de Belém, 4 (1,41%) de Castanhal, 24 (8,49%) de Parauapebas e 11 (3,89%) de Santa Izabel. Esses números ressaltam a maior quantidade de processos concentrados na região metropolitana de Belém.

Na análise do grau de parentesco do pai AVSCA com a vítima, do total de 283 dos pais participantes da pesquisa, 112 cometeram a agressão no meio extrafamiliar (39,58%) e 171 cometeram a agressão no meio intrafamiliar (60,42%). Esses dados demonstram, que geralmente, o autor possuía uma relação de parentesco com a vítima. Das 171 agressões sexuais cometidas no meio intrafamiliar pelo pai AVSCA, identificou-se relação de parentesco com vítima na percentagem de 51 (29,82%) padrastos, 44 (25,73%) pais biólogos, 39 (22,80%) tios, 19 (11,11%) avôs, 9 (5,26%) primos, 5 (2,92%) avodrado e 4 (2,33%) cunhados.

A análise das características do ato de agressão foi realizada considerando sua severidade/gravidade. Neste sentido, foi construído as seguintes categorias: a) agressão sexual com uso da força e/ou outro tipo de coerção severa foi identificado em 184 (65,02%) casos. b) agressão sexual “menos” severa, como exibicionismo e abuso verbal, foi encontrado em 40 (14,13%) dos casos. c) agressão sexual com contato físico sem uso da força, com sedução, foi identificado em 56 (19,79%).

Os atos de agressão foram analisados conforme a frequência que apareceram nos processos, em todas as 283 condenações houve mais de um ato sexual perpetrado contra a vítima. O ato de esfregar-se na vítima foi encontrado em 138 situações, sexo vaginal em 120 dos casos, assédio foi observado em 91 das agressões, sexo anal em 72 vezes, o exibicionismo foi encontrado 70 vezes, sexo oral em 57 dos casos, tirar as roupas da vítima ocorreu em 57 situações, o beijo apareceu em

10 casos, a obrigação de assistir relações sexuais de terceiros 5 vezes (*voyeurismo*), assistir filme pornográfico ocorreu em cinco casos e tirar foto ou fazer filmagem apareceu em 1 caso.

Características biosociodemográficas

Neste tópico são exibidas informações referentes à: idade, cor/raça, número de filhos, estado civil, escolaridade e ocupação. Quanto à idade, os 283 participantes apresentam idade entre 19 e 86 anos. O Teste de Shapiro-Wilk aplicado a amostra apresentado na Tabela 1 (Miot, 2017) revelou que a amostra não segue uma distribuição normal, visto que o *p*-valor é menor que 0,05.

Os dados de medida de tendência central apresentaram valores para moda 38, mediana 40, com uma média de 42,27 e desvio padrão 12,95. Os dados de dispersão também seguem na Tabela 1 com a apresentação da variabilidade das idades. O resultado desses dados demonstra que apesar da média de idade se encontrar entre os 42 anos, há variações em relação à faixa etária, ratificadas também no valor elevado do desvio padrão e na distribuição anormal da amostra identificada pelo Teste de Shapiro-Wilk. Isso significa que os dados apresentam grande variabilidade e se considerou a mediana para verificar o tipo de dados que há na amostra analisadas.

TABELA 1

Dados de variabilidade e teste de normalidade da amostra

Medidas de dispersão	Idade	Teste	Valor
Erro padrão de média	0.770	Shapiro-Wilk	0.950
Desvio Padrão	12.955	P-valor	<.001
Coefficiente de variação	0.306	Valido	283
MAD	8.000		
MAD robusta	11.861		
Variância	167.82		

Em relação à cor/raça, foram identificados 24 (8,48%) brancos, 173 (61,12%) pretos e pardos e 86 (30,38) sem informação. Estes números revelam que a maioria dos autores pais são negros, contemplando os indivíduos pardos e pretos, apesar da variável sem informação (SI) ser alta.

Para análise da quantidade de filhos, agrupou-se em pais com prole mais de 5 e menos de 5 filhos. Observou-se que 262 (92,57%) dos pais possuíam prole igual e menor a 5 filhos, com média de 2 filhos. Apenas 21 (7,42%) dos pais possuíam prole com mais de 5 filhos. Esse percentual identifica pais com média de poucos filhos.

Quanto ao estado civil notou-se que 204 (72,08%) eram casados (incluído união estável), 40 (14,13%), solteiros, 21 (7,42%) separados, 6 (2,12%) divorciados, 6 (2,12%) viúvos e 6 sem informação (2,12%). Essas informações mostram que a maioria dos autores de agressão possuíam um vínculo conjugal.

Em relação à escolaridade foi verificado a presença de 15 (5,3%) analfabetos, 91 (32,15%) com o ensino fundamental incompleto, 27 (9,54%) com ensino fundamental completo, 26 (9,18%) com ensino médio incompleto, 57 (20,14) com o ensino médio completo, 4 (1,41%) com ensino superior incompleto, 13 (4,58%) com ensino superior completo e 50 (17,66%) sem informações. Os

dados sobre educação apresentam pais autores com vários níveis de escolaridade, sendo a maior proporção (56,18%), os que não possuem a educação básica, tendo uma SI em 17,66% dos processos.

Como condição de atividade laboral, 75 (26,50%) encontravam-se na condição de trabalho autônomo antes da prisão, 22 (7,78%) como beneficiários/pensionistas, 100 (35,33%) empregados, 20 (7,06%) desempregados, 22 (7,77%) com trabalhos eventuais, 1 (0,35%) estagiário/estudante e 43 (15,19%) sem informações. Essas informações sinalizam para perfis de ocupações diferentes, contudo a maioria 197 (69,61%) possuía algum tipo de renda.

Em geral, o perfil biosociodemográfico apontou para pais em sua maioria pretos/pardos, com média de dois filhos, sem educação básica e com cônjuge. Constatou-se heterogeneidade entre as características biosociodemográficas de faixa etária e de atividade laboral.

Com a Análise de Cluster por meio do Método do K-médias, os pais autores foram classificados em quatro grandes grupos com características similares. No Grupo 1 ficaram agrupados 121, no Grupo 2 foram agrupadas 33 pessoas, no Grupo 3 são agrupados 111 indivíduos e no Grupo 4, 18 pessoas. Para a validação destes resultados obtidos na análise discriminante. Utilizou-se de validação interna e a validação externa. A validação interna apresentada na Tabela 2, consistiu em verificar a eficácia da classificação das observações originais e a validação cruzada. Por sua vez, a validação externa objetiva confirmar os resultados da validação interna.

TABELA 2

Resultados da Classificação das amostras (validação interna)

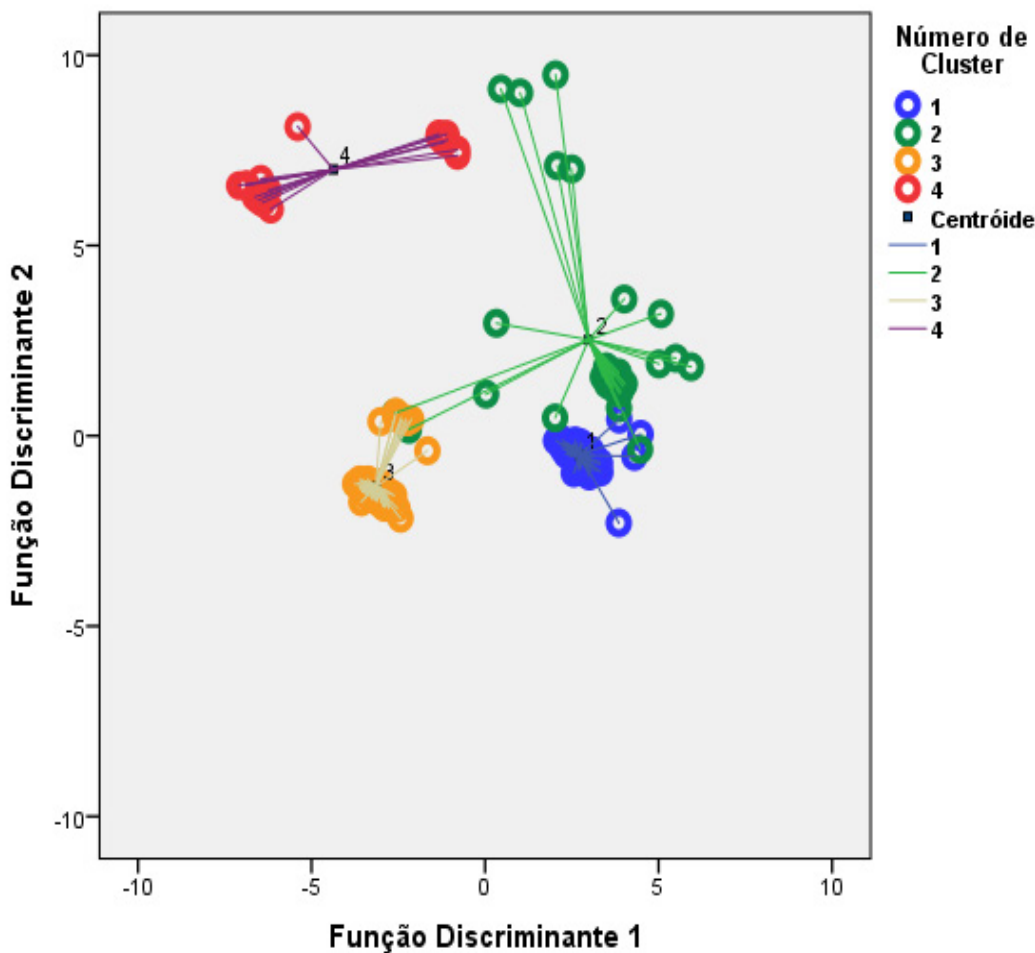
Grupos de Agressores		Probabilidade de Pertencer aos Grupos				Total
		G1	G2	G3	G4	
Contagem Original ¹	Cluste1	121	0	0	0	121
	Cluste2	0	30	0	0	30
	Cluste3	0	0	111	0	111
	Cluste4	0	0	0	18	18
	%					
	Cluste1	100	0	0	0	100
	Cluste2	0	90.9	6.1	0	100
	Cluste3	0	0	100	0	100
Contagem da Validação Cruzada ²	Cluste1	121	0	0	0	121
	Cluste2	0	27	2	4	33
	Cluste3	0	1	110	0	111
	Cluste4	0	0	0	18	18
	%					
	Cluste1	100	0.0	0	0	100
	Cluste2	0.0	81.8	6.1	2.1	100
	Cluste3	0.0	0.9	99.1	0	100
Cluste4	0.0	0.0	0.0	100	100	

(1) 98.9% dos casos dos grupos originais estão corretamente classificados. (2) 95% dos casos na validação cruzada estão corretamente classificados.

Os resultados desta avaliação permitem afirmar que 98.9% dos casos foram classificados de forma correta, pelo método estimado de três equações discriminantes. O resultado obtido foi que 95% das observações foram bem classificadas, ou seja, apenas 12 observações foram mal classificadas.

Assim, a Figura 2 mostra a discriminação dos quatro grupos de autores com destaque para os centróides de cada grupo, mostrando a ideia do comportamento e de como as funções discriminantes separam os quatro grupos.

FIGURA 2
Mapa Discriminante dos pais autores



No Grupo 1, observou-se pais autores em maioria de faixa etária entre 30 e 64 anos, pardos, religião sem informação, casados ou em união estável, média de um e dois filhos, com ensino fundamental incompleto ou ensino médio completo, vínculo de parentesco a maioria pai ou padrasto, condição de autônomo ou empregado, contexto da agressão na sua maioria intrafamiliar, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessaram o crime.

O Grupo 2, aparecem pais autores com faixa etária entre 30 e 64 anos, raça sem informação, religião sem informação, estado civil em sua maioria com união estável, média de um filho, grau de escolaridade sem informação ou ensino médio completo, vínculo de parentesco pai ou padrasto, condição sem informação, contexto da agressão intrafamiliar, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessaram o crime.

Grupo 3, observa-se em maioria em faixa etária entre 30 e 64 anos, pardos, católicos e evangélico, casados e união estável, média de dois filhos, com ensino fundamental incompleto, vínculo de parentesco pai ou padrasto, condição de autônomo e empregado, contexto da agressão intrafamiliar, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessou o crime.

No Grupo 4, apareceram pais autores em maioria de faixa etária entre 30 e 64 anos, pardos, católico, em união estável ou solteiro, número de filhos sem informação, grau de escolaridade com ensino fundamental incompleto, vínculo de parentesco pai ou padrasto, condição de autônomo, contexto da agressão intrafamiliar e extrafamiliar equivalente, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessaram.

Nesse contexto, considerando os resultados gerais da análise discriminante, depois que os pressupostos foram atendidos, observa-se que as variáveis selecionadas são significativamente discriminantes, que a própria função discriminante é altamente significativa. As outras variáveis analisadas foram descartadas na análise discriminante por não discriminarem tão bem quanto às escolhidas, demonstrando que a agressão sexual não se explica por um único indicador, é necessário um conjunto de indicadores reunidos estatisticamente e não aleatoriamente.

Discussão

Este estudo, de caráter descritivo exploratório, objetivou realizar uma caracterização biosociodemográfica de AVSCA na condição de figura parental (pai) que perpetrou violência sexual contra crianças e adolescentes e por este ângulo buscou descrever as características da agressão sexual perpetrada.

As características biosociodemográficas identificadas revelam que a faixa etária tende para a dispersão das idades, pois afasta-se do zero, o que significa um dado com várias faixas etárias e significativamente heterogêneo. Esse dado se assemelha aos achados do estudo de Ferraz et al. (2021), que identificou que AVSCA, situam-se em faixas etárias diversas. Estudos como de Jeglic et al. (2012) apontam faixa etária dispersa semelhante ao dado encontrado no presente estudo de pais AVSCA. Inferindo-se que as faixas etárias dos pais autores são semelhantes aos dos autores de agressão em geral.

Em relação à cor/raça, a análise dos dados mostrou uma percentagem maior para pretos/pardos, 61,12%. No Brasil, segundo Mendes (2017) a população dos autores de violência em sua maioria da cor preta e com baixa escolaridade, remontando o passado escravocrata do país, período colonial, onde o regime de trabalho adotado era o escravo e utilizava-se da população negra como mão-de-obra. Mesmo após a abolição da escravatura essa população continua a margem da sociedade (Santos, 2019).

Com relação a aspectos educacionais, os dados mostraram que a maioria dos pais AVSCA, não possuíam a educação básica (ensino médio completo). No estudo de Nunes e Sales (2016) revelou-se importante associação entre baixa escolaridade e prejuízos cognitivos, com

achados sobre repercussões ao desenvolvimento humano. Outro estudo importante, foi o de Moura e Koller (2008), que identificou que a baixa escolaridade associada a outros elementos adversos como fator de risco para ser AVSCA.

Quanto à ocupação, os dados revelam que os pais AVSCA realizavam atividades ocupacionais na época que cometeram o crime. Esses achados são incompatíveis com as considerações de Santiago e Guimarães (2019) e Zárate e Sapori, (2021), que destacaram em estudos uma relação entre o desemprego e criminalidade.

Em relação ao parentesco com a vítima, destaca-se a incidência, 60,42%, de crimes cometidos no meio intrafamiliar. Segundo Miranda et al. (2020), Soares e Nascimento (2019) e Platt et al. (2018) existe maior probabilidade de os autores da violência sexual serem do meio familiar da vítima. De acordo com Costa et al. (2018), quanto maior proximidade e intimidade, entre criança/adolescente e AVSCA, as consequências são mais graves para a vítima.

Do mesmo modo, Soares e Nascimento (2019) caracterizam a violência intrafamiliar como histórica e complexa e ressaltam a necessidade de uma reflexão sobre a família e suas funções parentais, uma vez que essas relações ocorrem no espaço familiar, onde são vivenciados os vínculos essenciais à formação da personalidade. As figuras familiares que aparecem com mais frequência são os padrastos, os pais e os tios. Confirmando os estudos de Miranda et al. (2020), que indicam maior probabilidade do autor de violência sexual de crianças e adolescentes serem o pai ou o padrasto da vítima. Os estudos de Serafim et al. (2011) apontam as figuras parentais paternas como maiores perpetradores.

Os pais como figuras parentais seriam, segundo Hoghughi (2004), que deveria assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, num ambiente seguro, visando socializá-la e torná-la gradativamente mais autônoma. O cuidar inconsistente e a parentalidade sensível, observados nestas figuras parentais que cometeram agressão contra o próprio filho, representam pontos opostos no contínuo do processo de parentalidade, que consiste no favorecer do desenvolvimento dos filhos (Barroso & Machado, 2010)

Em relação às características da agressão sexual dos perpetradores, identificou-se o *modo operandi* uso da força e/ou outro tipo de coerção severa. O ato de esfregar-se na vítima, seguido do sexo vaginal, foram os atos de agressão mais frequentes. Dahlberg e Krug (2006) trazem uma importante contribuição sobre a associação da intencionalidade com a realização do ato de agressão sexual, ao ressaltarem que a natureza do ato violento (uso de força física ou outro tipo de coerção severa) é resultado de uma relação de poder do autor com a criança e/ou adolescente.

Outrossim, Miranda et al. (2020) menciona em seus estudos que a agressão sexual nasce nas relações de desigualdade de poder, sustentadas por um contexto sociocultural. Segundo Amazarray e Koller (1998) o grau da agressão, no qual o perpetrador faz uso de força e/ou coerção severa, resulta em consequências extremamente negativas tanto a curto como longo prazo para as vítimas. E suas consequências são múltiplas e devastadores.

Assim, Florentino (2015) ressaltam as consequências graves e extensas para as vítimas deste tipo de violência, dada à atrocidade da agressão, muitas vezes associado a outros tipos de violência, justaposto ao fato de que a criança não está preparada do ponto de vista emocional e físico, deixando marcas profundas no desenvolvimento da criança e do adolescente vitimizado. Para Nunes e Sales (2016), esse impacto no desenvolvimento gera uma catastrófica repercussão no comportamento na vida adulta, quando ocorrido no meio intrafamiliar.

A análise exploratória dos agrupamentos, realizada por meio da análise de *Cluster*, demonstrou a formação de quatro conglomerados com características heterôgenas. Locatelli et al. (2023) ressalta que essa população é conhecida pela sua heterogeneidade e destaca que por meio desta separação em grupos consegue-se estudar com clareza as características e obter um padrão de características associadas a cada um deles e do seu *modus operandi*. Além disso, a caracterização feita em grupos, auxilia os profissionais que trabalham com estas populações a entender melhor suas características (Teixeira, Rezende & Perissinoto, 2021; Zilki & Resende, 2022).

Este estudo apresenta limitações em alguns aspectos, tendo em vista que a análise dos dados baseou-se em um banco de dados de informações que já havia sido coletado pelo Grupo de Estudos de Autores de Violência. Além disso, a base da pesquisa foi coletada no sistema LIBRA da justiça, o qual teve-se acesso para a pesquisa, o que pode não ter fornecido a totalidade dos processos envolvendo AVSCA. Dados como do uso abusivo de drogas, referência importante na literatura sobre violência sexual contra crianças e adolescentes, não foi possível de serem analisados porque esses dados não haviam sido coletados no sistema.

Conclusão

A presente pesquisa conseguiu caracterizar biosociodemograficamente a figura parental do perpetrador de violência sexual contra crianças/adolescentes, assim como realizou a descrição das características do ato da agressão sexual. Confirmando a hipótese que as características do pai AVSCA são semelhantes à população geral dos autores de violência.

Os dados empíricos de estudos nacionais demonstram uma lacuna sobre as figuras parentais perpetradoras de violência sexual, o que reflete em políticas públicas de assistência a essa população. Assim, o presente estudo traz contribuições no campo científico para o entendimento de uma parte importante do fenômeno, os autores da violência sexual contra crianças e adolescentes, por meio da caracterização dessa população.

No entanto, são necessários mais estudos brasileiros com novos recortes e elementos para auxiliar na compreensão do fenômeno, dada essa ausência da literatura. Aspectos importantes do desenvolvimento, comunicação, relações familiares e vínculos afetivos precisam ser melhor investigados, tendo em vista que exercem influência nestas figuras parentais.

Este tema é ainda incipiente no Brasil, sobretudo, em uma região cujas condições de vida são, geograficamente, particulares. A Amazônia caracteriza-se por apresentar aspectos culturais e territoriais bem distintos das experimentadas em outras regiões do Brasil. Este estudo reflete a população deste território amazônico.

Referências

- Aguiar, E. & Ferreira, C. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes e suas consequências psicológicas, cognitivas e emocionais: revisão integrativa de literatura. *Psicologia e Saúde em Debate*, 6(2), 80–96. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A6>
- Amazarray, M. & Koller, S. (1998). Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 559-578. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300014>

- American Academy of Child and Adolescent Psychiatry (2012). Practice parameter for psychodynamic psychotherapy with children. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 51(5), 541-557.
- Azevedo, M., Alves, M. & Tavares, J. (2018). Abuso Sexual Intrafamiliar em Adolescentes e Suas Reflexões. *Psicologia para América Latina*, 30, 7-25.
- Aznar-Blefari, C., Schaefer, L., Pelisoli, C., & Habigzang, L. (2021). Atuação de Psicólogos em Alegações de Violência Sexual: Boas Práticas nas Entrevistas. *Psico – USF*, 25(4), 625-635. <https://doi.org/10.1590/1413/82712020250403>
- Balbinotti, C. (2009). A violência sexual infantil intrafamiliar: a revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso. *Direito & Justiça*, 35(1), 5-20.
- Barroso, R. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologia*, 52(1), 211-22. https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_10
- Bohn, D. (2012). *Características emocionais e Comportamentais de adolescentes e adultos suspeitos de praticar abuso sexual* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Católica de Pelotas.
- Café, M. & Nascimento, N. (2012). O psicodrama e o atendimento aos autores de violência sexual. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 20(2), 127-139.
- Cavalcante, L. (2022). A violência contra a mulher sob o olhar da mediação cultural da informação: análise da exposição “Retratos Relatos”. *Revista Brasileira de Biblioteconomia*, 18(2), 1–19.
- Costa, L., Cavalcante, L. & Reis, D. (2018). Autores de agressão sexual em contexto intra e extrafamiliar: uma revisão de literatura. *Mudanças*, 26(2), 61-69. <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v26n2p61-69>
- Dahlberg, L. & Krug, E. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- Ferraz, M., Xavier, M. & Cabral, I. (2021). Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Densidades*, 29, 134-150.
- Ferreira, N. & Nascimento, D. (2019). Sentidos Produzidos: Homens encarcerados por crimes sexuais contra crianças e adolescentes. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 11(28), 131-150. <https://doi.org/10.5007/cbsm.v11i28.69674>
- Florentino, B. (2015). As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal*, 27(2), 39-144. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>
- Foyen, S. (2017). Políticas de proteção à criança vítima de violência sexual. E o abusador? Merece atenção?. *Revista Simetria do tribunal de Contas do Município de São Paulo*, 1(2), 96–110. <https://doi.org/10.61681/revistasimetria.v1i2.83>
- Gil, A. (2018). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Granja, R, Cunha, M. & Machado, H. (2013). Formas alternativas do exercício da parentalidade: paternidade e maternidade em contexto prisional. *Ex aequo*, 28, 73-86.
- Habigzang, L., Koller, S., Azevedo, G. & Machado, P. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-348. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>
- Hair Junior, J., Black, W., Babin, B., Anderson, R. & Tatham, R., (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman.

- Hall, R. & Hall, (2007) R. A profile of pedophilia: definition, characteristics of offenders, recidivism, treatment outcomes, and forensic issues. *Mayo Clinic Proceedings*, 82(4), 457-471. <https://doi.org/10.4065/82.4.457>
- Hoghugh, M. (2004). Parenting: an introduction. In M. S. Hoghugh & N. Long (Eds.), *Handbook of Parenting Theory and Research for Practice* (pp 1-18). SAGE Publications Ltd.
- Jeglic, E., Mercado, C. & Levenson, J. (2012). The Prevalence and Correlates of Depression and Hopelessness among Sex Offenders Subject to Community Notification and Residence Restriction Legislation. *American Journal of Criminal Justice*, 37, 46-59. <https://doi.org/10.1007/s12103-010-9096-9>
- Jespersen, A., Lalumière, M. & Seto, M. (2009). Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: a meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 3(3), 179-192. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.07.004>
- Locatelli, T., Vieira, G., Lindner, S., Warmling, D. & Coelho, E. (2023). Características de homens e mulheres autores de violência sexual: uma revisão de Escopo. *Society and Development*, 12(4), 1-14. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i4.403751>
- Lopes, L. (2021). Violência intrafamiliar: suas formas e consequências. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 5(5), 161-173. <https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/violencia-intrafamiliar>
- Malhotra, N. (2006). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Bookman.
- Martins, C. (2008). *Violência contra menores de 15 anos no município de Londrina, Paraná: Análise epidemiológica de suas notificações* [Tese de Doutorado não publicada]. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.
- Mendes, E. (2017). Raízes da violência no Brasil: impasses e possibilidades. *Estudos de Psicanálise*, 48, 33-42.
- Miot, H. (2017). Avaliação da normalidade dados em estudos clínicos e experimentais. *Jornal Vascular Brasileiro*, 16(2), 88-91. <https://doi.org/10.1590/1677-5449.041117>
- Miranda, M. & Granato, T. (2016). Pais encarcerados: narrativas de presos sobre a experiência da paternidade na prisão. *Psico-USF*, 47(4), 309-318. <https://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23413>
- Miranda, M., Fernandes, F., Melo, R. & Meireles, R. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. *Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo*, 54, 01-08. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019013303633>
- Moura, A. (2007). *A criança na perspectiva do abusador sexual* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Moura, A. & Koller, S. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico-USF*, 13(1), 85-94. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000100011>
- Nunes, A. & Sales, M. (2016). Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(3), 871-880. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014>
- Oliveira, N. (2019). Violência contra crianças e adolescentes em Manaus, Amazonas: estudo descritivo dos casos e análise da completude das fichas de notificação. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(1). <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000100012>
- Organização Mundial da Saúde. (2002). *Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde*. <https://www.cevs.rs.gov.br>

- Paludo, S. & Schirò, E. (2012). Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. *Estudos de psicologia*, 17(3), 397-404. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300007>
- Pechorro, P., Poiares, C. & Vieira, R. (2008). Caracterização psicologia de uma mostra forense de abusadores sexuais. *Análise psicológica*, 4(26), 615-626.
- Pimentel, A. (2010). Avaliação psicológica na Delegacia Especializada: um estudo de caso de violência sexual infantil. *Revista Mal-Estar*, 10(2), 585-603.
- Platt, V., Back, I., Hauschild, D. & Guedert, J. (2018). Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(4), 1019-1031. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016>
- Poepl, T., Eickhoff, S., Fox, P., Laird, A., Rainer, R., Langguth, B. & Bzdok, D. (2015). Connectivity and functional profiling of abdominal brain structures in pedophilia. *Human Brain Mapping*, 36, 2374-2386. <https://doi.org/10.1002/hbm.22777>
- Pullman, L., Leroux, E., Motayne, G. & Seto, M. (2014). Examining the developmental trajectories of adolescent sexual offenders. *Child Abuse & Neglect*, 38(7), 1249-1258. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.03.003>
- Reis, D. & Cavalcante, L. (2019). Avaliação de distorção cognitiva de autores de agressão sexual de criança e adolescente, AASCAS: Revisão sistemática da literatura. *Revista da SPAGESP*, 20(2), 99-116.
- Reis, D. & Cavalcante, L. (2018). Autor de agressão sexual de criança/adolescente: uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 23(2), 263-276.
- Risman, A., Figueira, R., Vieira, G. & Azevedo, L. (2014). Abuso sexual intrafamiliar: Um olhar multifacetado para o incesto. *Psicologia para América Latina*, 26, 87-105.
- Sanfelice, M. & De Antoni, C. (2010). A Percepção do Abusador Sexual sobre a (Sua) Sexualidade. *Revista Interamericana de Psicologia/ Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 131-139.
- Santiago, A. & Guimarães, G. (2019). Desemprego e crime: uma análise temporal para a região metropolitana de porto alegre. *Revista de Estudos Sociais*, 21(42), 84-98. <https://doi.org/10.19093/res7158>
- Santos, T. (2019). As consequências da escravidão na história do negro no Brasil. *Educação e Pesquisa*, 2, 47-57.
- Scortegagna, S. A. & Villemor-Amaral, A. E. (2013). Rorschach e pedofilia: A fidedignidade do Teste – Reteste. *Psico*, 44(4), 508-517.
- Serafim, A., Saffi, F., Achá, M. & Barros, D. (2011). Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(4), 143-147. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000400006>
- Smith, A. (2000). Offence characteristics of psychotic men who sexually assault women. *Med Sci Law*, 40(3), 8-223. <https://doi.org/10.1177/002580240004000306>.
- Soares, D. & Nascimento, M. (2019). Percepções de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual incestuoso sobre o lugar vivenciado: lembranças e relatos. *Revista Geografia em Atos*, 7(14), 51-73. <https://doi.org/10.35416/geoatos.v7i14.6427>
- Stroff, B. & Vieira, M. (2020). Autores de abuso sexual contra crianças e adolescentes. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 11(3), 1-2.
- Teixeira, J., Resende, A. & Perissinotto, R.. (2021). Psicopatia e Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 20(1), 111-121. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2001.17724.12>

- Zárate, M. & Sapori, L. (2021). A dinâmica do desemprego e seus possíveis efeitos na dinâmica da criminalidade na região metropolitana de Belo Horizonte no período de 2012 a 2019. *Revista do departamento de ciências sociais (PUC)*, 3(2), 185-210. <https://doi.org/10.5752/P.2595-7716.2021v3n2p195-220>
- Zilki, A. & Rezende, A. (2022). Periculosidade características da personalidade em autores de violência sexual. *Psicologia: Teoria e Prática* 24(3), 1-21. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPA13947>
- Unicef. (2021). Fórum Brasileiro de Segurança Pública: Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. www.unicef.org/brazil/relatorios/panorama-da-violencia-letal-e-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil.